

Origem e Desenvolvimento da Linguagem Articulada¹

Júlio Ribeiro

DOI: 10.18364/rc.v1i59.480

Se a ciência pelos trabalhos de um Hæckel² pode afirmar positivamente que o homem descende dos macacos catarrinos; se pode descrever a figura do avô da humanidade, do *homo primigenius* dolicocefalo, prógnato, de longos e robustos braços, de pernas finas e sem panturrilhas, de pele baça e velosa, de guedelha encarapitada; se pode quase determinar a época de seu aparecimento na cena do mundo; se pode até delimitar o seu *habitato*; outro tanto não pode fazer relativamente à origem da linguagem articulada.

Historicamente nunca se há de saber quando e como o grito instintivo subordinou-se a regras para converter-se em palavra, quando e como o antropeide se fez homem. Ignorar-se-á sempre se a linguagem primitiva foi monofilética³, como o querem Bleek⁴ e Grieger⁵, ou se foi polifilética⁶, como o pretendem Schleicher⁷ e F. Müller⁸.

Entretanto a investigação fundando-se em dados positivos, em analogias indiscutíveis, pode levar um raio de luz a tão tenebroso dédalo.

Os animais raciocinam sem linguagem articulada. Os cães, por exemplo, não falam e, todavia, têm longos e acidentados sonhos, donde se pode concluir que uma grande sucessão de ideias vivas, e que se prendem umas às outras, podem afetar um cérebro independentemente do uso da palavra.

1 Publicado em RIBEIRO, Julio. **Traços geraes de linguística**. São Paulo: Livraria Popular de Abílio A. S. Marques Editor, Biblioteca Util, v. III, p. 31-38, 1880.

2 Nota do editor: Ernst Heinrich Philipp August Haeckel (1834- 1919) biólogo, filósofo, médico e professor alemão, um dos grandes nomes do cientificismo positivista e seguidor das teses darwinianas.

3 Nota do editor: no original, “monophylitica”, por erro óbvio.

4 Nota do editor: Wilhelm Heinrich Immanuel Bleek (1827- 1875), linguista comparativista alemão que se tornou especialista em línguas sul-africanas, conhecido como “Pai da Filologia Bantu”.

5 Nota do editor: Wilhelm Ludwig Geiger (1856-1943), orientalista alemão, especialista em línguas indo-iranianas.

6 Nota do editor: no original, “polyphylitica”, por erro óbvio.

7 Nota do editor: August Schleicher (1821-1868), linguista alemão cuja obra dá impulso à linguística evolucionista e à metodologia do paradigma histórico-comparativo.

8 Friedrich Müller (1834-1898), linguista e etnólogo austríaco, especialista em línguas afro-asiáticas.

Mas também é verdade que o cão late em quatro ou cinco tons; que um macaco do gênero *gibon*⁹ usa largamente de sua voz para emitir verdadeiras cadências musicais; que o *cebus azaræ*¹⁰ do Paraguai faz ouvir, quando excitado, cinco ou seis sons distintos que despertam em seus congêneres emoções semelhantes.

Isto posto, concebe-se o antropeide avô da humanidade, como dotado de um cérebro impressionabilíssimo e relativamente perfeito. A terceira circunvolução frontal desse órgão, desenvolvida pela lei da evolução, habilitava-o a incumbir o seu bem-conformado aparelho fônico de traduzir por gritos vários as suas diferentes impressões.

Traduziu-as e, refletindo sobre essa conquista da expressão vocal, reteve-a, ampliou-a, deu-lhe variedade, criou a linguagem articulada.

Pelo exercício diuturno da voz reforçou-se e aperfeiçoou-se o aparelho fônico, e a faculdade adquirida foi-se transmitindo de geração em geração pela hereditariedade, polindo-se cada vez mais.

Com o correr do tempo as concepções homologaram-se com os seus instrumentos, as ideias hispostatizaram-se com as palavras, e o pensamento e a linguagem articulada começaram a marchar para par, auxiliando-se mutuamente, sem mais se poderem separar.

Historie-se agora a série de fases ou períodos por que passou a linguagem articulada desde o grito rude e primitivo do antropeide até as construções flexíveis e eufônicas dos Vedas, do Avesta, da *Iliáda*, da *Eneida*, dos *Lusíadas*, da *Henriáda*.

O antropeide antecessor da humanidade topando com uma pedra, magoando-se deu um grito, voz simples ou reforçada por uma aspiração, como as nossas interjeições *ah! ih! oh!* Ao deparar-se-lhe uma árvore carregada de frutos já conhecidos, a alegria irrompeu-lhe do laringe em forma de exclamação de júbilo.

Depois, ao entristecer-se ou alegrar-se ele sem causa física visível, pela reação interna do sistema nervoso sobre o cérebro, moralmente enfim, as mesmas manifestações fônicas reproduziram-se, fundadas na analogia das impressões morais com as físicas.

Foi este o período *interjetivo* da linguagem articulada.

Mais tarde o antropeide já homem (porque homem foi desde que guardou na memória a relação que estabelecera entre a ideia adquirida e o som com que a exprimira), levado pelo viver social a ser útil aos seus congêneres, indicou-lhes por gestos acompanhados de gritos, definitivamente articulados e significativos, o que a experiência lhe ensinara ser útil ou danoso. *Isto, isso, aquilo, aqui, ali, lá*, disse ele em seu tosco mas já acentuado meio de comunicação.

A este período da linguagem articulada pode-se dar o nome de *demonstrativo*.

9 Nota do editor: o macaco gibão é um pequeno antropeide que vive nas florestas tropicais do Sudeste da Ásia.

10 Nota do editor: Espécie de macaco que tem íntima relação orgânica com o homem.

Afinal o cérebro humano robustecido pelo exercício do pensamento começou a fazer abstrações: da pedra que o ferira, da água que o desalterara, da tarde sombria que o tornara melancólico separou o homem as qualidades que o tinham afetado, e atribuiu-as pela generalização a todos os objetos ou fenômenos semelhantes. O duro! O fresco! O triste! exclamou ele ao ver uma pedra em seu caminho, ao ouvir o murmúrio de um regato, ao atentar no pôr do sol.

A este período da linguagem articulada convém o nome de *atributivo*.

De ora em diante são mais seguros nossos passos no caminho da investigação: guia-nos o facho da história e da filologia comparada.

As palavras interjetivas, demonstrativas e atributivas substantivaram-se, converteram-se em verbos, prestaram-se a exprimir todas as principais gradações do pensamento: o homem pode¹¹ externar tudo o que sentia. Mas nessa linguagem, já relativamente perfeita, não parece ainda traço de flexão; nada de indicação de gênero, de número, de pessoa; nada de determinação de tempo ou de modo; nada de elementos de relação; nada de preposições; nada de conjunções: cada palavra-raiz, ou antes cada raiz-palavra designa uma ideia cujo valor, cujo sentido preciso é determinado pela sua posição na frase.

É o período *monossilábico* da linguagem articulada, representado ainda hoje por sete idiomas vivos: o chinês, o anamita¹², o siamês, o birman¹³, o tibetano, o pegu¹⁴ e o kassia.

A esta *cruda forma* da manifestação do pensamento no ciclo histórico da linguagem articulada, sucedeu um modo de expressão mais sintético, mais racional, mas cômodo: a um radical sempre invariável que exprimia a ideias principal juntaram-se, para modificá-la, afixos apenas alterados, cuja significação própria só relativamente se conservou.

É o período *aglutinativo* ou *turânio*, cujos representantes vvos são ainda numerosíssimos.

A este período de invariabilidade rígida da palavra-raiz¹⁵ seguiu-se a *flexão* ou possibilidade de modificação da própria forma dessa palavra-raiz para exprimir as suas relações com outras. Operou-se uma fusão íntima de radicais atributivos com raízes demonstrativas atrofiadas em desinências. Entrevê-se ainda em cada palavra deste período linguístico o sentido dos elementos que a compõem; esses elementos são, porém, inseparáveis, formam um todo indivisível cujas partes concorrem todas para acentuar-lhe a significação própria.

Este período, a que se pode dar o nome de *amalgamante*, é representado por dous grandes grupos de línguas: o ariano ou indo-europeu (sâncrito, zend, persa, grego, latim, idiomas germânicos, eslavos, célticos, etc.) e o semítico (hebraico, fenício, árabe etc.).

11 Nota do editor: manteve-se a forma preferida do autor.

12 Nota do editor: língua falada em Aname, região central do Vietname.

13 Nota do editor: língua falada na Birmânia, atual Miamar.

14 Nota do editor: antiga denominação da língua mon, falada no Sudoeste de Miamar e em regiões da Tailândia.

15 Nota do editor: no original ‘da palavras-raiz’, por erro óbvio.

Mas não para na flexão o progredir da linguagem.

As sílabas breves que precediam ou seguiam o acento tônico nas palavras flexionais atrofiaram-se ou desapareceram; as desinências causais obscureceram-se, tornaram-se indistintas, e as gradações do pensamento que elas exprimiam foram traduzidas por preposições.

É o período atual do mundo civilizado, é o período *contrativo*.

Neste período, que dura há dous¹⁶ mil anos, os idiomas germânicos modificaram-se profundamente, o latim converteu-se nas línguas românicas: o grego antigo produziu o romaico.

O ciclo da linguagem articulada conta, pois, sete grandes períodos, três *pré-históricos* e quatro *históricos*: períodos pré-históricos – 1) *o interjetivo*; 2) *o demonstrativo*; 3) *o atributivo*; períodos históricos – 1) *o monossilábico*; 2) *o aglutinativo*; 3) *o amalgamante*; d) *o contrativo*.

Note-se, todavia, que estes períodos são mais de ordem racional do que de ordem cronológica; que os pré-históricos são hipotéticos; que os históricos, não estando circunscritos em limites fixos, endosmosam-se¹⁷ uns nos outros, e continuam-se simultaneamente.

16 Nota do editor: manteve-se a forma preferida do autor.

17 Nota do editor: trata-se de um neologismo de Júlio Ribeiro, a partir de *endosmose*.